International Scientific Journal - ISSN: 1679-9844
Volume 21, Article nº 25 Continuous Publishing 2026
D.O.I: http://dx.doi.org/10.6020/1679-9844/v20a01
Accepted: 21/07/2026 Published: 26/11/2026

INVISIBILIZAÇÃO DAS PESCADORAS ARTESANAIS: uma análise do discurso sociocultural das mulheres caiçaras de Armação dos Búzios – RJ

INVISIBILITY OF ARTISANAL FISHERWOMEN: an analysis of the sociocultural discourse of the Caiçara women of Armação dos Búzios – RJ

Eliana Crispim França Luquetti (UFRJ) [1], Maria Fernanda Lima da Mata (UENF) [2], Emanoelly Carvalhal Ferreira (UENF) [3], Silvia Goulart Ferreira Barrigossi (UENF) [4], Sérgio Arruda de Moura (UFRJ) [5].

Resumo - Esta pesquisa tem como objetivo analisar o discurso sociocultural acerca das mulheres na pesca artesanal, de modo a compreender como essas trabalhadoras são invisibilizadas. Na prática, as mulheres são frequentemente reduzidas a expressões como “auxiliares” ou “ajudantes”, quando, na verdade, exercem um protagonismo equivalente ao dos pescadores homens, atuando nas etapas anteriores, posteriores e, muitas vezes, na própria captura do pescado. Sendo assim, o seu trabalho impacta significativamente o produto final, toda a cadeia produtiva e a economia local das comunidades costeiras. É imperativo reiterar o conceito de trabalho como um conjunto de atividades produtivas exercidas para atingir determinado fim; logo, desde a confecção dos apetrechos até o beneficiamento, a atuação feminina exige reconhecimento jurídico, social e cultural. O atual discurso patriarcal hegemônico atua como barreira para a efetivação de políticas públicas, dificultando o acesso dessas trabalhadoras a direitos fundamentais básicos, como garantias trabalhistas, previdenciárias e de saúde integral. Metodologicamente, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa e exploratória, fundamentada na Análise de Discurso Crítica (ADC), articulando o levantamento bibliográfico com a análise de dados empíricos obtidos por meio de entrevistas com as Mulheres Caiçaras de Armação dos Búzios/RJ. Os resultados evidenciam que a invisibilidade transcende o plano simbólico, gerando impactos materiais severos no cotidiano, mas apontam a mobilização coletiva e a organização social como fundamentais pontos de resistência. Conclui-se que há uma necessidade urgente de transformação desse contexto para garantir o reconhecimento pleno dessas profissionais, o que demanda a mobilização social e a implementação de políticas públicas efetivas com a finalidade de promover a igualdade de gênero e a valorização histórica na atividade pesqueira.

Palavras-chave: Pesca Artesanal; Invisibilidade Feminina; Análise de Discurso Crítica; Relações de Gênero; Políticas Públicas.

[1]Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ
[2]Doutoranda no Programa de Cognição e Linguagem na Universidade Estadual Norte Fluminense Darcy Ribeiro - UENF
[3]Doutoranda no Programa de Cognição e Linguagem na Universidade Estadual Norte Fluminense Darcy Ribeiro - UENF
[4]Doutoranda no Programa de Cognição e Linguagem na Universidade Estadual Norte Fluminense Darcy Ribeiro
[5]5Doutor em Letras (Ciência da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Abstract - This research aims to analyze the sociocultural discourse surrounding women in artisanal fishing, in order to understand how these workers are made invisible. In practice, women are frequently reduced to expressions such as "assistants"or "helpers,"when, in fact, they exercise a protagonism equivalent to that of male fishermen, acting in the stages before, after, and often in the very act of catching fish. Therefore, their work significantly impacts the final product, the entire production chain, and the local economy of coastal communities. It is imperative to reiterate the concept of work as a set of productive activities carried out to achieve a specific goal; therefore, from the making of fishing gear to processing, women's work demands legal, social, and cultural recognition. The current hegemonic patriarchal discourse acts as a barrier to the implementation of public policies, hindering these workers' access to basic fundamental rights, such as labor, social security, and comprehensive health guarantees. Methodologically, the research adopts a qualitative and exploratory approach, grounded in Critical Discourse Analysis (CDA), articulating bibliographic research with the analysis of empirical data obtained through interviews with Caiçara women from Armação dos Búzios/RJ. The results show that invisibility transcends the symbolic plane, generating severe material impacts on daily life, but point to collective mobilization and social organization as fundamental points of resistance. It concludes that there is an urgent need to transform this context to guarantee the full recognition of these professionals, which demands social mobilization and the implementation of effective public policies aimed at promoting gender equality and historical appreciation in fishing activity.

Keywords: Artisanal Fishing; Female Invisibility; Critical Discourse Analysis; Gender Relations; Public Policies.

1 Introdução

A pesca artesanal é uma atividade essencial para muitas comunidades costeiras, configurando-se como uma prática tradicional, geralmente passada de geração em geração, cujo objetivo principal é o consumo próprio ou a comercialização em mercados locais. Apesar de sua inegável importância econômica e sociocultural, trata-se de um setor que, historicamente, valoriza e confere protagonismo quase exclusivo à figura masculina.

Nesse cenário, as mulheres pescadoras, mesmo participando ativamente de todas as etapas produtivas e executando tarefas tão essenciais quanto as dos homens, enfrentam profunda desvalorização e desigualdade. O discurso sociocultural dominante, fortemente enraizado no patriarcado, inviabiliza o reconhecimento dessas trabalhadoras ao reduzir o seu papel a meras "ajudantes"ou "auxiliares". Essa perspectiva ofusca o fato de que elas garantem a eficiência do processo e a qualidade do produto final de forma equiparada a qualquer outro pescador.

Essa desvalorização histórica do trabalho feminino transcende o desmerecimento sociocultural, refletindo-se em desigualdades estruturais persistentes que limitam severamente o acesso dessas mulheres a direitos trabalhistas e previdenciários básicos. Ações que busquem a transformação dessa realidade são urgentes, pois as mulheres pescadoras necessitam de um reconhecimento que vá além do sociocultural, alcançando a esfera jurídica. Tal reconhecimento é o pilar fundamental para que elas possam usufruir de direitos essenciais, como o seguro-defeso e a aposentadoria.

Diante desse contexto, o objetivo central desta pesquisa é analisar o discurso sociocultural acerca das mulheres na pesca artesanal, buscando compreender os mecanismos pelos quais essas profissionais são invisibilizadas enquanto trabalhadoras. Cabe destacar, pela relevância de fomento a este debate, que este artigo é resultado de pesquisa financiada pelo Projeto de Educação Ambiental (PEA) Pescarte[6], que é uma medida de mitigação exigida pelo Licenciamento Ambiental Federal, conduzido pelo IBAMA.

[6]O PEA Pescarte financia, por meio de bolsas de iniciação científica, mestrado, doutorado, pós-doutorado e professor pesquisador, diversas pesquisas no âmbito da pesca artesanal, organizadas em 21 linhas temáticas. Os dados do Censo Pescarte alimentam de forma direta ou indireta as linhas de pesquisa, ainda que cada uma possua naturezas metodológicas próprias. Assim, o PEA Pescarte possui um conjunto de pesquisas no qual a presente pesquisa se insere e que busca contribuir para o entendimento das questões relativas à pesca artesanal nos municípios abrangidos pelo projeto (PEA Pescarte, 2021).

Para tanto, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa e exploratória, fundamentada nos pressupostos da Análise de Discurso Crítica (ADC). Metodologicamente, o trabalho articula um levantamento bibliográfico e documental com a análise de dados obtidos por meio de entrevistas, valendo-se do protocolo de coleta do corpus da língua falada no contexto do cenário sociocultural de pescadores artesanais fluminenses.

Cumpre destacar que as entrevistas aqui analisadas foram realizadas com as Mulheres Caiçaras de Armação dos Búzios/RJ, assegurando o rigor metodológico e preservando todos os preceitos éticos exigidos em pesquisas com seres humanos. Essa articulação permite confrontar as construções discursivas hegemônicas com a materialidade das vivências cotidianas relatadas por essas pescadoras.

2 Contextualização da pesca artesanal e da participação feminina

A pesca artesanal no Brasil configura-se como uma importante atividade econômica que garante a subsistência de pescadores, pescadoras e seus familiares, sendo um meio relevante de geração de trabalho e renda dentro das comunidades pesqueiras. Além disso, também pode ser visto como fonte de renda complementar para muitas famílias (Silva, 2014).

Segundo Ramalho e Melo (2016), a prática da pesca artesanal é frequentemente passada de geração em geração. Os trabalhadores mais experientes no ramo transmitem os conhecimentos do ofício aos familiares mais jovens, e, muitas vezes, os filhos herdam e dão continuidade à profissão dos pais. Dessa forma, a prática pesqueira se mantém ao longo do tempo, por meio dos ensinamentos transmitidos entre as gerações.

Os homens são os principais responsáveis pelas atividades que são realizadas em alto mar, e dependendo do pescado que eles capturam, passam longos períodos distantes das zonas costeiras. O trabalho que desempenham é cercado de desafios e perigos e tem como função capturar o pescado para que passe pela etapa de beneficiamento, que envolve a limpeza e a estocagem até a venda para o consumidor (Ramalho, 2006).

Para Martins (2013), as comunidades pesqueiras enfrentam desafios no reconhecimento das mulheres como pescadoras, uma vez que elas geralmente não são responsáveis pela captura do pescado no alto-mar. Às mulheres são atribuídas tarefas próximas às zonas costeiras, como a captura de crustáceos em rios, mangues e mares, além da limpeza do peixe, camarão e outros pescados para a etapa de beneficiamento e venda.

Ainda assim, o trabalho feminino permanece bastante desvalorizado devido a questões de gênero e estruturas sociais, o que faz com que as próprias pescadoras tenham dificuldade em se considerar como trabalhadoras da pesca. É comum, portanto, a submissão das mulheres aos homens nesse contexto (Martins, 2013).

É importante ressaltar que as atividades desempenhadas pelas mulheres agregam maior valor ao produto. O pescado recém-capturado não está pronto para consumo, necessitando passar pela etapa de limpeza antes de ser comercializado. Essa fase, que envolve limpeza, congelamento e venda, é, em grande parte, realizada por mulheres nas comunidades pesqueiras e é essencial para a manutenção da economia local (Figueiredo, 2013).

O trabalho feminino também é caracterizado por duplas jornadas, já que as mulheres frequentemente precisam conciliar as tarefas domésticas com as atividades da pesca. Isso resulta em longas horas de trabalho, uma vez que as obrigações não terminam com o fim do dia de trabalho que é remunerado e relacionado a pesca.

Dada a importância do trabalho das mulheres nas comunidades de pesca e dos desafios enfrentados, espera-se que sua atuação seja valorizada. Entretanto, a realidade é diferente: como as mu-

lheres não participam da captura no alto-mar, não são reconhecidas como pescadoras, mas sim como marisqueiras. Assim, suas atividades são vistas apenas como um auxílio ao trabalho dos homens. Conforme explica Santos et al. (2013), a ideia de "pouca importância"atribuída ao trabalho feminino desencadeia outros processos, como baixas remunerações e a legitimação de um menor prestígio no contexto da pesca.

Devido à periculosidade que envolve o trabalho de estar em alto mar, este ambiente não é reconhecido como um lugar em que a mulher deva estar. Há casos em que as mulheres são impedidas de acessar as embarcações. Devido à representação de que elas não possuem força física suficiente, devem ficar em terra cuidando da criação dos filhos e das filhas (Ramalho, 2006).

Contudo, seja na terra ou no mar, as mulheres enfrentam dificuldades para serem reconhecidas como pescadoras. Soares (2012) afirma que é fundamental compreender a dominação masculina “invisível”, que se relaciona à negação de espaços públicos para as mulheres. Essa exclusão reforça a desigualdade de gênero e social, dificultando a participação cidadã das trabalhadoras e criando obstáculos ao reconhecimento das mulheres como profissionais, seja na pesca ou em outras áreas.

A desvalorização do trabalho feminino e a ausência de reconhecimento de suas atividades como parte das funções oficialmente reconhecidas da pesca colocam as mulheres em situações de maior vulnerabilidade social. Além disso, o trabalho pesqueiro é extremamente exaustivo, com ganhos financeiros abaixo do esperado e desvalorização social.

3 O não reconhecimento das mulheres enquanto trabalhadoras: uma análise do discurso sociocultural sobre gênero e trabalho

O trabalho da mulher na pesca artesanal é fundamental para a economia e para a sustentabilidade local, porém elas permanecem invisíveis em grande parte em razão de um discurso social e cultural.

Ao longo da história a pesca artesanal foi associada à imagem masculina, colocando as mulheres em segundo plano. A partir dessa perspectiva limitada, começa ignorar a contribuição impactante das mulheres em todas as etapas da atividade pesqueira, desde a preparação de apetrechos até a comercialização. Somados a isso, as mulheres ainda possuem responsabilidades com trabalhos domésticos, com os cuidados familiares: filhos, pais, sogros, dentre outros, e por vezes com o dever financeiro em sua totalidade (Amaral; Gonçalves Neto, 2021).

Nesse sentido, esse discurso de que as mulheres são uma extensão das tarefas domésticas ou de que são meras auxiliares da atividade pesqueira reverbera em vários âmbitos da sua vida. Segundo Saffioti (2013), existe na sociedade uma diferença que permeia entre mulheres e homens no tocante ao trabalho, os homens detêm diferenças naturais e sociais que perpassa pela religião, educação, poder político, dentre outras situações que são difíceis de serem ultrapassadas, ocorre que as mulheres enfrentam todas essas questões em seu cotidiano, somadas ao peso do sexo como razão preponderante.

O trabalho para as mulheres deveria ser muito mais do que receber um salário, deve ser usado para possibilitar a participação na vida em sociedade, ser capaz de promover a cultura, auxiliar de modo a se sentirem menos insegura na vida em sociedade, representando uma fonte de equilíbrio. Este não idealizado exclusivamente como resultado de uma atividade ocupacional (Saffioti, 2013).

Assim, o não reconhecimento das mulheres e o trabalho delas em contexto pesqueiro são resultados do histórico discurso acerca da divisão sexual do trabalho, concretizadas na transferência de tarefas no lugar e espaço. Por essa razão, há diversas correntes teóricas promovendo a luta pela igualdade de gênero e pela representação em debates públicos, pois é notória a discriminação e exclusão delas sob a ótica social, econômica e política, tornando capaz de analisar as razões culturais e his-

tóricas pelas quais as mulheres em diversas circunstâncias assumam um comportamento de sujeição em relação aos homens e não de exercerem o protagonismo e o acesso aos seus direitos (Amaral; Gonçalves Neto, 2021).

Sob a ótica da análise do discurso crítica, as práticas sociais são maneiras de se realizar algo, onde no interior dessas práticas existem aprendizados que são compartilhados, possuindo pressupostos que todo o grupo atende. Há várias formas de um grupo social atuar, dentre eles, por meio de textos sendo orais ou escritos. O texto também representa um conjunto de ações de um grupo, como o valor atribuído em relação aos outros e aos procedimentos carregados por um conjunto de valores e crenças no interior de cada contexto (Batista Jr.; Sato, 2018).

Esses conhecimentos materializados pelos textos possuem o condão de disciplinar as pessoas, manter o poder, delimitar papéis e desenvolver o próprio grupo. Os indivíduos que constituem as articulações de poder são resultantes de uma cultura, natureza ou condição, em que por vezes não percebem as restrições sociais, os ganhos e perdas de uma possível aceitação, posto que a maneira de sentir e observar os fenômenos são intimamente ligados aos contextos inseridos (Batista Jr.; Sato, 2018).

Nesse cenário, é possível transformar as articulações de poder, sua distribuição e posições, mas para isso é necessário constituir um conhecimento reflexivo acerca do contexto vivenciado, ou seja, de acordo com Giddens (1991), o ato de refletir a vida social moderna compreende a reformulação e a avaliação de forma constante das práticas sociais, com base em informações novas acerca dessas práticas, modificando assim, seu caráter.

Assim, as pessoas, mulheres pescadoras tornam-se capazes de confrontar sua realidade com outros conhecimentos e informações, tomando consciência de sua condição atual, podendo com ferramentas e oportunidades, lutar por sua emancipação e protagonismo no contexto pesqueiro.

Nesse cenário, para ocorrer uma mudança social de fato é preciso se apoiar a uma abordagem crítica do discurso, ou seja, levando em consideração as formas em que a sociedade estrutura suas práticas sociais em que estão inseridos, mas ao mesmo tempo valorizando a capacidade de agir, refletir e resistir, a fim de atingir um objetivo final de que é denunciar as relações de poder e de domínio que oprimem e excluem as mulheres trabalhadoras na pesca, para que então, tente vislumbrar uma sociedade mais justa, democrática e igualitária (Gonçalves, 2018).

Para materializar essas discussões teóricas e compreender como as relações de poder operam na prática, torna-se imprescindível dar voz às sujeitas desta pesquisa. Ao analisar os dados obtidos por meio das entrevistas com as Mulheres Caiçaras de Armação dos Búzios/RJ, as marcas da invisibilidade e do preconceito descritos na literatura revelam-se latentes no cotidiano fluminense.

Quando questionada se acredita que o trabalho das pescadoras é valorizado e reconhecido, a Informante 1 (2025) é categórica ao negar: "Não...". Ao detalhar as principais dificuldades enfrentadas, a pescadora expõe que o preconceito emana, muitas vezes, dos próprios companheiros de ofício:

> E: Quais são as principais dificuldades que as mulheres enfrentam na pesca? I: Olha... assim... diretamente com a pesca... eu sou de uma família de mulheres... né? Então vou te falar que eu já não tenho muito parâmetro em relação a homens na família como referência forte... não tenho... mas eu vejo que existe muito preconceito em relação à nossa prática... sabe? A gente vê muito... eu aderi mesmo na associação... eu adoro... eu sou apaixonada pela nossa associação... por tudo que a gente faz... por tudo que a gente integra e consegue... sabe... proporcionar a essas mulheres... que são tudo de maior idade... a maioria... né? E mais pela minha mãe... que eu iniciei... que eu aderi mesmo à associação... e eu participo muito... venho muito sair com ela para pescar... para mariscar... tudo isso... e eu vejo... assim... que os próprios pescadores... né? Eles têm um olhar um pouco... para o que você está fazendo aqui... então começa dentro da pesca... da própria classe... né? (Informante 1, 2025).

O relato da Informante 1 escancara a territorialidade machista presente na pesca artesanal. A

expressão "para o que você está fazendo aqui", percebida no olhar dos pescadores homens, funciona como um mecanismo discursivo não verbal de interdição de espaços. Como adverte Soares (2012), a dominação masculina "invisível"relaciona-se intimamente à negação de espaços públicos e de trabalho para as mulheres. Sob a ótica da Análise de Discurso Crítica (Batista Jr.; Sato, 2018), essas atitudes materializam articulações de poder que buscam disciplinar os corpos femininos, delimitando o local da pesca como um ambiente intrinsecamente e exclusivamente masculino.

Por outro lado, a fala da informante revela um ponto de resistência fundamental frente a esse discurso sociocultural dominante: a mobilização coletiva por meio da associação de mulheres. Em consonância com a perspectiva de Giddens (1991) sobre a reflexividade e a reformulação das práticas sociais, a união dessas pescadoras, descritas como "tudo de maior idade"e inspiradas por laços geracionais matrilineares "pela minha mãe... que eu iniciei", representa uma ruptura com a condição de sujeição. Ao se integrarem, essas trabalhadoras criam uma rede de apoio que fortalece a identidade da mulher pescadora, desafiando a invisibilidade imposta e reescrevendo a sua própria história na comunidade pesqueira.

Aprofundando a análise das violências simbólicas e verbais sofridas por essas mulheres no cotidiano fluminense, nota-se que a hegemonia masculina no setor pesqueiro se mantém e se retroalimenta por meio da constante invalidação da identidade profissional feminina. Quando questionada se já presenciou ou viveu situações de desigualdade de gênero na pesca, outra informante relata a hostilidade e a descredibilização presentes no ambiente de trabalho:

> E: Você já presenciou ou viveu alguma situação de desigualdade de gênero dentro da atividade? I: da atividade dentro das mulheres? ((Não... da pesca no geral)) ... ah... do todo... né? ((Você já assistiu?)) Sempre tem... tem aqueles que não acreditam na gente... faz chacota... entendeu? faz bullying... fala que a gente não é pescadora... é um montão de perigo... (Informante 2, 2025).

A materialidade linguística expressa no trecho "fala que a gente não é pescadora"ilustra com exatidão o cerne da problemática investigada neste estudo. Sob a lente da Análise de Discurso Crítica, a negação do substantivo "pescadora"não é apenas uma ofensa isolada, mas uma estratégia discursiva de poder. Ao recusar às mulheres o título que as reconhece como profissionais plenas, o discurso patriarcal dominante (Saffioti, 2013) as rebaixa à categoria de "ajudantes", deslegitimando o seu labor. A linguagem, nesse caso, atua como uma ferramenta de exclusão social e econômica.

Além disso, o uso de termos como "chacota"e "bullying"denota o caráter sistemático da violência psicológica à qual essas trabalhadoras são submetidas. A descrença em suas capacidades "não acreditam na gente"funciona como um mecanismo de controle social que tenta silenciar e expulsar as mulheres de um território historicamente demarcado como masculino. O encerramento da fala com a frase "é um montão de perigo"evidencia que a invisibilidade discursiva transcende o simbólico, colocando essas mulheres em estado de vulnerabilidade física e emocional no exercício de sua profissão.

É fundamental reiterar que essa negação da identidade ("não é pescadora") gera impactos materiais severos. O não reconhecimento sociocultural alimenta o não reconhecimento institucional e jurídico. Quando os próprios pares negam a condição de pescadora à mulher, consolida-se um cenário de invisibilidade que o Estado muitas vezes corrobora, dificultando o acesso dessas profissionais a políticas públicas essenciais, como direitos previdenciários, de saúde e o acesso ao seguro-defeso.

Em suma, o trabalho das mulheres embora essencial para o contexto pesqueiro, ainda hoje é marcado pela sujeição e invisibilidade, resultado de um discurso sociocultural, que divide e relega as mulheres a papéis secundários, refletindo uma estrutura de poder que as discrimina e exclui da efetiva participação e reconhecimento enquanto trabalhadoras. Contudo, ao acionar uma análise e reflexão crítica acerca dessa realidade e através de uma ação em grupo e informada, as mulheres são capazes de transformar essa situação, reivindicando seus direitos, seu lugar e sua visibilidade.

Ao lutarmos pela emancipação e protagonismo dessas mulheres, estaremos colaborando, para a promoção de uma sociedade mais justa e igualitária, valorizando e reconhecendo o trabalho feminino com sua real e verdadeira contribuição. Assim, é um dever de todos caminhar de modo a desconstruir esses discursos excludentes e lutar pela transformação das estruturas sociais existentes que determinam a desigualdade de gênero, de modo a assegurar a igualdade de direitos e oportunidades para as pescadoras artesanais.

4 Conclusão

Sabemos que, para muitas comunidades costeiras, a pesca artesanal é de suma importância econômica e sociocultural. Além de ser a base para gerar o sustento de inúmeras famílias, é a atividade responsável por garantir a renda de pescadores e pescadoras que dependem dessa prática. Contudo, a presente pesquisa evidenciou que, apesar de ser uma tradição passada de geração em geração para homens e mulheres, o setor permanece estruturado sob uma lógica que confere visibilidade quase exclusiva ao pescador homem.

Na materialidade do cotidiano, as mulheres pescadoras participam ativamente de todas as etapas e tarefas que envolvem a cadeia produtiva da pesca, desde o preparo e a confecção dos apetrechos até o beneficiamento e a venda, mas, ainda assim, lhes é negado o reconhecimento formal como pescadoras. Toda essa invisibilidade é o resultado de um discurso sociocultural e patriarcal que desvaloriza o trabalho feminino no cenário da pesca, delegando a elas apenas papéis considerados secundários ou de mero "auxílio". Tal dinâmica reflete uma estrutura de poder que não apenas discrimina, mas exclui essas mulheres da participação efetiva e do reconhecimento de sua identidade profissional.

Os dados obtidos por meio das entrevistas com as Mulheres Caiçaras revelaram o peso dessa estrutura na prática. Práticas como o "bullying", a "chacota"e a interdição simbólica dos espaços de trabalho operam como mecanismos de controle. Sob a lente da Análise de Discurso Crítica (ADC), compreende-se que essas atitudes não são casos isolados, mas sim estratégias discursivas de poder que buscam disciplinar os corpos femininos e manter a hegemonia masculina no território pesqueiro.

Sendo assim, analisar e refletir acerca dessa realidade a partir de uma ação em grupo e informada é essencial e urgente para que estas trabalhadoras possam modificar a sua própria realidade. A pesquisa identificou que a mobilização coletiva, por meio de associações e fortalecida por laços matrilineares, funciona como um ponto de resistência fundamental. É através dessa reflexividade que as pescadoras passam a confrontar os discursos dominantes, tomando consciência de sua condição e unindo forças para romper com o ciclo de sujeição.

Portanto, é crucial lutar pelo protagonismo dessas mulheres para que, assim, elas tenham como reivindicar seus direitos, seu papel e sua visibilidade no contexto da pesca artesanal. O reconhecimento da identidade da "pescadora"é indispensável para o acesso a políticas públicas e garantias trabalhistas e previdenciárias elementares, como o seguro-defeso. A transformação desse cenário exige o compromisso do Estado e da sociedade civil. Desconstruir os discursos excludentes é um passo fundamental e irrenunciável não apenas para a garantia de direitos, mas para a construção de uma sociedade verdadeiramente justa, igualitária e democrática.

Referências

AMARAL, S. C. d. S.; GONÇALVES NETO, A. Mulheres na pesca e a luta por reconhecimento. **Revista InterSciencePlace**, Campos dos Goytacazes, v. 12, n. 12, jan. 2021.

BATISTA JR., J. R. L.; SATO, D. T. B. Análise de discursos das práticas: etnografia. *In:* BATISTA JR., J. R. L.; SATO, D. T. B.; MELO, I. F. d. (ed.). **Análise de discurso crítica para linguísticas e não linguísticas**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2018. p. 224.

FIGUEIREDO, M. M. A. **Trabalho e participação política das pescadoras na reserva extrativista (Resex) Canavieiras – BA**. 2013. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

GONÇALVES, P. R. Discurso e Prática social. *In:* BATISTA JR., J. R. L.; SATO, D. T. B.; MELO, I. F. d. (ed.). **Análise de discurso crítica para linguísticas e não linguísticas**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2018. p. 224.

MARTINS, M. L. S. **Rios, estuários e mangues: a mulher na pesca artesanal**. 2013. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.

RAMALHO, C. W. N.; MELO, A. A. d. Uma etnografia dos mestres da pesca artesanal da praia de Carne de Vaca, Goiana, PE. **Revista Cadernos de Ciências Sociais da UFRPE**, v. 1, n. 6, p. 50–71, 2016. [S. l.]

RAMALHO, C. W. **"Ah, esse povo do mar!": um estudo sobre trabalho e pertencimento na pesca artesanal pernambucana**. São Paulo; Campinas: Polis; CERES, 2006.

SAFFIOTI, H. I. B. **A mulher na sociedade de classes**. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SANTOS, E. A.; ARAGÃO, M. C. O.; SOUZA, R. M. e. Tecendo as redes entre natureza e sociedade: os desafios das mulheres pescadoras em Sergipe. **Fronteira: Journal of Social, Technological and Environmental Science**, v. 1, n. 1, p. 5–25, 2013. [S. l.]

SILVA, L. S. d. **A economia pesqueira artesanal no município de Salvador-BA: a organização produtiva à comercialização nas colônias de pescadores**. 2014. Dissertação (Mestrado em Economia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SOARES, S. M. **Decaindo a rede do reconhecimento: as pescadoras e o seguro-defeso na comunidade Cristo Rei no Careiro da Várzea**. 2012. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus.